

Cinema

De 12 a 17 Maio '09

# Eros + Revolta

O novo cinema japonês dos anos 60

Comissário: Augusto M. Seabra

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**De Ter 12 a Dom 17 de Maio · Pequeno Auditório · M16**

Por motivo de doença, o comissário deste ciclo, Augusto M. Seabra, não participou na elaboração ou revisão dos textos aqui incluídos, com excepção da breve introdução, nem pôde escrever outros que enriqueceriam este programa.

Em 1960, ao mesmo tempo que se discutia com enormes manifestações de rua a renovação do tratado de defesa nipo-americano, um *tsunami* ocorreu no cinema: chamaram-lhe então *Shochiku Naberu Bagu*, compósito singular porque a Shochiku era (e é) uma das grandes empresas cinematográficas japonesas e *Naberu Bagu* é a transcrição fonética da pronúncia japonesa de *Nouvelle Vague*. Nagisa Oshima sobretudo, Masahiro Shinoda e Yoshihige Yoshida foram os autores emergentes dessa “Nova Vaga”, enquanto Shohei Imamura se inicia na realização noutra estúdio, a Nikkatsu.

Ao contrário dos seus contemporâneos nos diversos novos cinemas dos anos 60, os japoneses, pelo menos aqueles de maior relevo, ainda passaram, num ápice, pelo tirocinio de assistentes de realização. Mas foi o próprio ocaso do sistema de estúdios em que se fundara o cinema clássico japonês, de Mizoguchi, Ozu ou Naruse, ou a geração humanista do pós-guerra, a de um Kurosawa, que

fez com que tão precocemente, pelas normas desse sistema, se estreassem esses realizadores – para os estúdios urgia fazer filmes para um público jovem. Quase de imediato se dá a ruptura, apenas Seijun Suzuki (cineasta um pouco mais velho) permanecendo ainda alguns anos no seio do sistema, nas bordas do *pinku eiga*, o cinema erótico, e a fundo no *Nikkatsu Action*, de um modo todavia profundamente original.

O questionamento da sociedade japonesa, as pesquisas formais e a quebra de tabus figurativos de ordem erótica tornaram as sequelas da *Naberu Bagu* num dos pólos mais radicais dos novos cinemas dos anos 60.

Neste ciclo apresentam-se filmes de todos os autores maiores, em termos de ficção, com destaque justificado para Oshima, mas também para o génio iconoclasta de Suzuki (autor que Quentin Tarantino amplamente “citou” em *Kill Bill*), realizador assim finalmente apresentado em Portugal.

Filmes legendados em inglês, excepto *O Enforcamento* que será legendado em português.

### Terça-feira 12

**18h30** *O Enterro do Sol* (Taiyo no hakaba) de Nagisa Oshima, 1960, 16mm, 1h27

**21h30** *Noite de Nevoeiro no Japão* (Nihon no yonū tokiri) de Nagisa Oshima, 1960, 16mm, 1h47

### Quarta-feira 13

**18h30** *Sobre as Canções Brejeiras Japonesas* (Nihon shunka ko) de Nagisa Oshima, 1967, 16mm, 1h43

**21h30** *As Termas de Akitsu* (Akitsu Onsen) de Yoshishige Yoshida, 1962, 35mm, 1h52

### Quinta-feira 14

**18h30** *A Mulher-Insecto* (Nippon konchūki) de Shohei Imamura, 1963, 35mm, 2h03

**21h30** *Intenção de Matar/Desejo Profano* (Akai Satsui) de Shohei Imamura, 1964, 35mm, 2h30

### Sexta-feira 15

**18h30** *Go, Go, Second Time Virgin* (Yuke yuke nidome no shōjo) de Kōji Wakamatsu, 1969, 1h05

**21h30** *O Funeral das Rosas* (Bara no Soretsu) de Toshio Matsumoto, 1969, 16mm, 1h45

### Sábado 16

**15h30** *A Porta da Carne* (Nikutai no mon) de Seijun Suzuki, 1964, 35mm, 1h30

**18h30** *Elegia da Luta* (Kenka erejii) de Seijun Suzuki, 1966, 35mm, 1h26

**21h30** *O Vagabundo de Tóquio* (Tokyo nagaremono) de Seijun Suzuki, 1966, 16mm, 1h23

### Domingo 17

**15h30** *Duplo Suicídio em Amijima* (Shinju ten no Amijima) de Masahiro Shinoda, 1969, 16mm, 1h45

**18h30** *O Enforcamento* (Koshikei) de Nagisa Oshima, 1968, 35mm, 1h57

**21h30** *Eros mais Massacre* (Erosu Purasu Gyakusatsu) de Yoshishige Yoshida, 1969, 35mm, 2h47

## Ter 12 Maio · 18h30

*O Enterro do Sol*



**O Enterro do Sol (Taiyo no hakaba)**  
De Nagisa Oshima  
Japão, 1960, 1h27

Realizador Nagisa Oshima Argumento Toshirō Ishido e Nagisa Oshima Produção Tomio Ikeda Música Riichiro Manabe Director de Fotografia Takashi Kawamata Montagem Keiichi Uraoka Direcção Artística Koji Uno Som Shujuro Kurita Com Masahiko Tsugawa, Kayoko Honoo, Isao Sasaki, Fumio Watanabe, Kamatari Fujiwara, Tanie Kitabayashi, Junzaburo Ban

Esta é uma história de violência que aborda a delinquência juvenil nas ruas mais marginais de um bairro de lata de Tóquio. O grupo vai diminuindo devido a suicídios, assassinios, guerrilha entre

gangues e acidentes ocorridos aquando do seu envolvimento em fogo posto e tiroteios. Atormentados por problemas de álcool e droga, os membros do grupo entram numa viagem sem retorno de esquecimento, de desespero e de morte certa. O filme tenta, no princípio, ter qualquer coisa de parecido com uma posição moral, antes de os delinquentes iniciarem uma inevitável espiral descendente.

<http://movies.nytimes.com/movie/131422/Taiyo-No-Hakaba/overview?scp=1&sq=Taiyo%20no%20Hakaba&st=cse>

## Ter 12 Maio · 21h30

**Noite de Nevoeiro no Japão**  
(Nihon no yonū tokiri)  
De Nagisa Oshima  
Japão, 1960, 1h47

Realizador Nagisa Oshima Argumento Toshirō Ishido e Nagisa Oshima Música Riichiro Manabe Director de Fotografia Takashi Kawamata Montagem Keiichi Uraoka Direcção de Arte Koji Uno Com Miyuki Kuwano, Fumio Watanabe, Hiroshi Akutagawa, Shinko Ujiie, Akiko Koyama, Kei Sato, Rokko Toura

Considerado o mais pessoal dos três filmes de 1960 de Nagisa Oshima, *Noite de Nevoeiro no Japão* centra-se em torno de uma reunião de antigos estudantes activistas que protestaram contra a assinatura do Tratado de Segurança EUA - Japão. Optando por abandonar o passado, os antigos contestatários reuniram-se para o casamento de um amigo



conseguindo manter um ambiente pacífico até à chegada do último dos seus velhos companheiros, o qual de imediato começa a lançar acusações, denunciando a festa como uma farsa e insistindo que os presentes traíram os seus ideais em troca de segurança pessoal. Rapidamente caem por terra todas as expectativas de uma reunião feliz e o casamento transforma-se numa enorme disputa. O próprio Oshima foi em tempos um estudante contestatário e o filme serviu como uma manifestação pública do seu desapontamento com o movimento de 'esquerda' do Japão, com o propósito de caracterizar a forma como certos indivíduos, em tempos unidos na aposta de introdução de uma mudança positiva na sociedade japonesa, foram capazes de se transformar em versões conflituosas e apagadas de si mesmos.

<http://www.amazon.com/Night-Japan-Nihon-NON-USA-FORMAT/dp/B001O41V50>

---

## Qua 13 Maio · 18h30

---

**Sobre as Canções Brejeiras Japonesas**  
(Nihon shunka ko)  
**De Nagisa Oshima**  
Japão, 1967, 1h43

**Realizador** Nagisa Oshima **Argumento** Mamoru Sasaki, Toshio Tajima, Tsutomu Tamura e Nagisa Oshima **Música** Hikaru Hayashi **Director de Fotografia** Akira Takada **Montagem** Keiichi Uraoka **Com** Ichirō Araki, Koji Iwabuchi, Kazuyoshi Kushida, Hiroshi Satō, Kazuko Tajima

Oshima manifesta as suas frustrações perante a apatia dos jovens do pós-guerra no exame que faz de uma geração esgotada. Quatro jovens rapazes visitam Tóquio para fazer exames de admissão à universidade. Em vez de encararem as suas responsabilidades – e os crescentes problemas sociopolíticos que assolam o Japão – passam o tempo em festas, a beber e a alimentar fantasias sexuais. À medida que o seu comportamento se vai tornando mais descuidado, Oshima vai conduzindo o filme a estados cada vez mais chocantes e surreais.

<http://www.bam.org/view.aspx?pid=1025>

---

## Qua 13 Maio · 21h30

---

**As Termas de Akitsu (Akitsu Onsen)**  
**De Yoshishige Yoshida**  
Japão, 1962, 1h52

**Realizador** Yoshishige Yoshida **Argumento** Shinya Fujiwara e Yoshishige Yoshida **Produção** Mariko Okada, Masao Shirai **Música** Hikaru Hayashi **Director de Fotografia** Toichiro Narushima **Com** Mariko Okada, Hiroyuki Nagato

Uma história ensombrada de amor não correspondido, *As Termas de Akitsu* é um dos melodramas japoneses mais apreciados da era dos estúdios do pós-guerra. O primeiro guião adaptado de Yoshida utiliza o ambiente intenso do Japão destruído pela guerra para fazer aparecer os seus personagens arquétipos: a mulher cheia de vida e altruísta – num desempenho cativante de Mariko Okada – e o intelectual atraído pela beleza desta, figuras gémeas dos sentimentos de esperança e resignação que emergiram da derrota inevitável do Japão. Um filme profundamente perturbador e requintadamente belo, a primeira colaboração entre Yoshida e Okada anunciou um interesse duradouro em heroínas resistentes e em ideias claramente feministas, interesse este que permaneceria uma constante ao longo dos muitos filmes feitos durante a sua longa associação.

<http://hcl.harvard.edu/hfa/films/2009marapr/yoshida.html>

*A Mulher-Insecto*



---

## Qui 14 Maio · 18h30

---

**A Mulher-Insecto (Nippon konchuki)**  
**De Shohei Imamura**  
Japão, 1963, 2h03

**Realizador** Shohei Imamura **Argumento** Keiji Hasebe e Shohei Imamura **Música** Toshirō Mayuzumi **Montagem** Matsuo Tanji **Direção de Arte** Kimihiko Nakamura **Com** Emiko Aizawa, Masumi Harukawa, Sachiko Hidari, Emiko Higashi, Daizaburo Hirata, Seizaburō Kawazu

*A Mulher-Insecto* percorre 45 anos na vida muito sofrida da japonesa Tome Matsuki, brilhantemente interpretada por Sachiko Hidari. Empurrada para um mundo impiedoso aos 20 anos de idade, Tome, grávida, começa a trabalhar numa fábrica. Acaba por desistir desta situação pelo conforto relativo que lhe proporciona a vida de amante de um soldado americano. Quando o seu benfeitor americano regressa à sua terra, ela procura refúgio numa casa de prostituição, acabando por se tornar a *Madame*. Mais tarde, é apresentada à filha que tinha abandonado anos antes e cuja vida se tinha desenrolado de forma muito semelhante à sua. Vencedor de 14 prémios japoneses de cinema, *A Mulher-Insecto* dissecou o declínio dos valores culturais, aqui espelhados nesta história de vida desperdiçada.

<http://www.allmovie.com/work/the-insect-woman-24911>

---

## Qui 14 Maio · 21h30

---

*Intenção de Matar / Desejo Profano*



**Intenção de Matar / Desejo Profano**  
(Akai Satsui)

**De Shohei Imamura**  
Japão, 1964, 2h30

**Realizador** Shohei Imamura **Argumento** Shinji Fujiwara, Keiji Hasebe e Shohei Imamura  
**Produção** Masayuki Takagi **Música** Toshirô Mayuzumi **Director de Fotografia** Shinsaku Himeida **Montagem** Matsuo Tanji **Direcção de Arte** Kimihiko Nakamura **Som** Koshiro Jinbo  
**Com** Masumi Harukawa, Kô Nishimura, Shigeru Tsuyuguchi, Yûko Kusunoki, Ranko Akagi

Este drama japonês explora a frágil fronteira psicológica que existe entre violação e romance, à medida que vai fazendo uma cronologia dos abusos sofridos por uma dona de casa entediada enquanto o marido está ausente. Na manhã seguinte a mulher é incapaz de contar ao marido o que lhe sucedeu. Estranhamente, ela dá por si a ansiar o regresso do seu agressor. Depressa se apercebe da fixação que tem no violador

e da incapacidade de se livrar dele. Em desespero de causa, decide envenená-lo. Felizmente, ele sofre um ataque cardíaco e morre antes que ela consiga concretizar o seu objectivo. A mulher retoma calmamente a sua vida de tédio.  
<http://www.allmovie.com/work/intentions-of-murder-115161>

---

## Sex 15 Maio · 18h30

---

**Go, Go, Second Time Virgin**  
(Yuke yuke nidome no shojo)  
**De Kôji Wakamatsu**

Japão, 1969, 1h05

**Realizador** Kôji Wakamatsu **Argumento** Masao Adachi, Izuru Deguchi, Kazuo 'Gaira' Komizu **Música** Meikyû Sekai  
**Director de Fotografia** Hideo Itoh  
**Com** Michio Akiyama, Mimi Kozakura

O filme *Go, Go Second Time Virgin* do prolífico cineasta japonês Kôji Wakamatsu conta a história de dois adolescentes japoneses que se aproximam em consequência de violência sexual, vingança e rebeldia. Uma rapariga (Mimi Kozakura) é levada para um telhado onde é violada por um bando de delinquentes enquanto que um rapaz da mesma idade que ela testemunha o desenrolar dos acontecimentos. O rapaz fica no telhado até de manhã esperando que a rapariga acorde. Quando ela, finalmente, desperta, os dois adolescentes começam a partilhar pormenores íntimos sobre as suas vidas, incluindo o facto de o rapaz ter morto recentemente quatro pessoas que o forçaram a tomar

Kôji Wakamatsu



parte numa orgia. À medida que estas duas almas gémeas se vão precipitando cada vez mais profundamente em depressão e delusão, vingam-se dos crimes contra a rapariga e dão um passo ousado e trágico para acabar de vez com a sua miséria.

<http://www.allmovie.com/work/go-go-second-time-virgin-220988>

---

## Sex 15 Maio · 21h30

---

**O Funeral das Rosas (Barra no Soretsu)**  
**De Toshio Matsumoto**  
Japão, 1969, 1h45

**Realizador** Toshio Matsumoto **Argumento** Toshio Matsumoto **Produção** Sumiko Fujisawa, Mitsuru Kudo, Keiko Machida **Música** Joji Yuasa **Director de Fotografia** Tatsuo Suzuki  
**Montagem** Toshie Iwasa **Direcção de Arte** Setsu Asakura **Supervisão de Efeitos/ Maquilhagem** Shigeo Kobayashi **Assistentes de Realização** Kunio Kurita, Ken Uesugi **Som** Mikio Katsuyama  
**Com** Peter, Osamu Ogasawara

Um choque febril entre a estética de vanguarda e os sobressaltos típicos de filmes de série B em que predominam o sexo e a violência (para não referir uma influência directa do filme *Laranja Mecânica* de Stanley Kubrick), *O Funeral das Rosas* leva-nos numa viagem electrificante às regiões infernais do submundo de Tóquio dos finais dos anos 60. No controverso primeiro filme Toshio Matsumoto aparentemente nada é tabu: nem a inclusão de ornamentos visuais vindos directamente do mundo do *design* gráfico, da pintura, da banda desenhada e da animação contemporânea, nem a mostra convicta de nudez, de sexo, de consumo de drogas e de casas-de-banho públicas. Mas entre todas as 'transgressões' que aqui figuram, há talvez uma que sobressai mais: o retrato inovador e sem concessões que o filme apresenta da subcultura *gay* japonesa.

Com uma mistura de sequências puramente narrativas e um registo documental, *O Funeral das Rosas* chega até nós vindo de um tempo em que o cinema se dispôs a testar, e até a erradicar, as fronteiras entre a ficção e a realidade, o desejo e a experiência; assim, o filme tem afinidade com outras obras de 1969 como *Duplo Suicídio em Amijima* de Masahiro Shinoda e *A Paixão de Ana* de Ingmar Bergman. No entanto, Matsumoto alcança uma modulação em ziguezague entre a tragédia e o divertimento que faz do seu filme uma obra única: um grito fílmico atirado à 'cara' das convenções sociais, morais e artísticas.

<http://forums.avistaz.com/index.php?showtopic=6956&mode=threaded>

---

## Sáb 16 Maio · 15h30

---

A Porta da Carne



---

**A Porta da Carne (Nikutai no mon)**  
De Seijun Suzuki  
Japão, 1964, 1h30

---

**Realizador** Seijun Suzuki **Argumento** Taijiro Tamura, Goro Tanada **Produção** Kaneo Iwai **Música** Naozumi Yamamoto **Director de Fotografia** Shigeyoshi Mine **Montagem** Akira Suzuki **Direção Artística** Takeo Kimura **Assistente de Realização** Masami Kuzuu **Som** Jiro Yonezu **Com** Yumiko Nogawa, Jo Shishido, Kayo Matsuo, Satoko Kasai, Tamiko Ishii, Misako Tominaga, Isao Tamagawa, Koji Wada, Keisuke Noro

---

Depois da 2ª Grande Guerra algumas prostitutas de Tóquio uniram-se sob um estrito código: não admitir chulos, atacar qualquer transeunte que entrasse no seu território, defender o prédio abandonado a que chamam casa, e punir quem quer que seja que 'ofereça' sexo (que se apaixone). Maya, uma jovem mulher cuja família morreu, junta-se ao grupo. Entretanto, aparece Shin, um ladrão que matou um soldado americano.

As mulheres permitem que se esconda enquanto recupera dos ferimentos, mas depois ele não se quer ir embora. Maya sente-se atraída por ele, descobrindo, à medida que se apaixona, que é outra vez capaz de sentir; ela é agora mais completa como ser humano, mas ao mesmo tempo pôs-se em perigo, a si própria e à sua sobrevivência. Poderão Maya e Shin vir a sair de Tóquio e estabelecer uma vida a dois?

<http://www.imdb.com/title/tt0058409/plotsummary>

---

## Sáb 16 Maio · 18h30

---

**Elegia da Luta (Kenka erejii)**  
De Seijun Suzuki  
Japão, 1966, 1h26

---

**Realizador** Seijun Suzuki **Argumento** Kaneto Shindô, Takashi Suzuki **Produção** Kazu Otsuka **Música** Naozumi Yamamoto **Director de Fotografia** Kenji Hagiwara **Montagem** Masami Tanji **Direção Artística** Takeo Kimura **Assistente de Realização** Masami Kuzuu **Som** Tadanobu Akino **Com** Hideki Takahashi, Yusuke Kawazu, Junko Asano, Takeshi Katô, Isao Tamagawa, Kayo Matsuo

---

Nesta sátira mordaz do aclamado realizador japonês Seijun Suzuki, Hideki Takahashi interpreta Kiroku, um estudante do secundário que se vê afligido por um desejo lascivo centrado na virginal Michiko (Junko Asano), a filha da família em casa de quem ele vive. Kiroku rapidamente encontra a solução perfeita para lidar com pensamentos sobre sexo: a violência. Um dos companhei-

ros de liceu de Kiroku ensina-lhe a arte masculina de auto-defesa, o que faz com que ele depressa se associe a um bando de delinquentes, combatendo com entusiasmo sempre que surge a oportunidade. Michiko fica perturbada com a súbita rendição de Kiroku ao seu lado brutal e tenta ensinar-lhe a apreciar um lado mais delicado da vida, coisa que, evidentemente, não o ajuda de modo nenhum. Kiroku acaba por ser expulso da escola por ser arruaceiro e vai viver com o seu tio num meio pequeno onde o predomínio e o exagero de masculinidade acabam por lhe proporcionar toda a violência desejada.

<http://www.allmovie.com/work/the-fighting-elegy-179590>

---

## Sáb 16 Maio · 21h30

---

O Vagabundo de Tóquio



---

**O Vagabundo de Tóquio (Tokyo nagaremono)**  
De Seijun Suzuki  
Japão, 1966, 1h23

---

**Realizador** Seijun Suzuki **Argumento** Kôhan Kawauchi **Produção** Tetsuro Nakagawa **Música** Hajime Kaburagi **Director de Fotografia** Shigeyoshi Mine **Montagem** Shinya Inoue **Direção Artística** Takeo Kimura

**Assistente de Realização** Masami Kuzuu **Som** Tadanobu Akino **Com** Tetsuya Watari, Chieko Matsubara, Hideaki Nitani, Ryuji Kita, Tsuyoshi Yoshida, Hideaki Esumi, Tamio Kawaji, Eiji Go, Tochiko Hamakawa, Isao Tamagawa, Michio Hino, Shuntaro Tamamura, Hiroshi Midorigawa, Hiroshi Cho, Kosuke Hisamatsu

---

O *Vagabundo de Tóquio* segue o percurso do jovem Tetsu, da mafiosa família Kurata. O Clã Kurata encontra-se numa fase de transição uma vez que o velho bando se dispersou e o seu líder decidiu experimentar uma vida honesta por um período de tempo indeterminado. Tetsu (Tetsuya Watari), o braço direito de Kurata, está a seguir as pisadas do seu líder mas apercebe-se de que o caminho do bem é, no mínimo, árduo. Parece que Kurata (Ryuji Kita) ainda tem grandes dívidas. De facto, o seu prédio está prestes a ser apropriado pelo bando rival Yoshii, facto que ameaça o reacender de velhas disputas entre gangues. A sua dívida de oito milhões era relativamente pequena e os seus bens imobiliários poderiam valer acima de vinte milhões; não surpreende, por isso, que os seus rivais queiram resarcida a dívida de imediato.

Tetsu fica um bocadinho assoberbado pelos acontecimentos em Tóquio e viaja para norte, onde acaba por descobrir que o seu nome o precede. Todo o *gangster* potencial por que passa quer contratá-lo e, para agravar a situação, The Viper (Tamio Kawaji), o violento seqüaz de Yoshii está constantemente na sua peugada. No momento em que ele pensou que as coisas não poderiam piorar, o seu antigo mentor convence-se de que Tetsu é uma ameaça, e dá ordens para que este seja eliminado. Esta traição

força Tetsu a voltar a Tóquio numa cena cujo clímax é um fantástico tiroteio final. <http://www.michaeldvd.com.au/Reviews/Reviews.asp?ID=7830>

---

## Dom 17 Maio · 15h30

---

### *Duplo Suicídio em Amijima* (Shinju tem no Amijima)

**De Masahiro Shinoda**  
Japão, 1969, 1h45

**Realizador** Masahiro Shinoda  
**Argumento** Monzaemon Chikamatsu, Masahiro Shinoda, Tôru Takemitsu, Taeko Tomioka **Música** Tôru Takemitsu **Director de Fotografia** Toichiro Narushima **Direcção Artística** Kiyoshi Awazu **Som** Hideo Nishizaki **Com** Shima Iwashita, Kichiemon Nakamura

Com origem numa peça japonesa de marionetas do século XVIII, *Duplo Suicídio em Amijima* é uma história de amor “Nova Vaga” tão sublime e tão bela quanto a de “Romeu e Julieta”, à qual se assemelha superficialmente. Masahiro Shinoda assume alguns riscos na sua realização pela utilização de uma série de personagens de “marionetistas” que aparecem na maioria das cenas aludindo à narrativa na sua forma original. Como que por milagre, este conceito funciona maravilhosamente, e completa eficazmente os elementos temáticos, enquanto observamos os actores a manipularem-se uns aos outros, a “puxarem os cordelinhos uns dos outros”. Os desempenhos neste filme são todos excelentes uma vez que Shinoda faz questão de dirigir cada um dos actores de modo a assegurar que abordem os

seus papéis sem preconceitos, de uma forma aberta, permitindo que os seus personagens caiam no logro uns dos outros. Jihei, (Kichiemon Nakamura), está perfeito no seu envolvimento imoral com uma prostituta de 19 anos (Shima Iwashita), enquanto vai mantendo uma relação saudável com a sua, demasiadamente leal, mulher Osan (também interpretada por Shima Iwashita). Osan desempenha o pesadelo feminista, o papel de uma mulher que defende o marido e apoia todas as suas transgressões. A prostituta, Koharu, equilibra a relação fazendo o papel de amiga da mulher a quem promete que vai pôr fim ao adultério, enquanto que professa um amor eterno por Jihei sempre que Osan está ausente. Todos fazem parte de um equilíbrio transitório de poder, controlo e amor uns pelos outros, que acaba por valorizar o clímax excitante deste filme.

*Duplo Suicídio em Amijima*



---

## Dom 17 Maio · 18h30

---

**O Enforcamento (Koshikei)**  
**De Nagisa Oshima**  
Japão, 1968, 1h57

**Realizador** Nagisa Oshima **Argumento** Michinori Fukao, Nagisa Oshima, Mamoru Sasaki, Tsutomu Tamura **Música** Hikaru Hayashi **Director de Fotografia** Yasuhiro Yoshioka **Montagem** Keiichi Uraoka **Direcção Artística** Junsho Toda **Assistente de Realização** Kiyoshi Ogasawara **Com** Kei Sato, Fumio Watanabe, Toshirô Ishido, Masao Adachi, Rokko Taura, Hosei Komatsu, Masao Matsuda, Akiko Koyama, Do-yun Yu, Nagisa Oshima

Este triste conto, baseado na história verdadeira de um estudante coreano nascido no Japão que violou e matou duas raparigas em 1958, e que foi enforcado em 1963 quando atingiu a maturidade, é transformado pelo realizador Nagisa Oshima numa farsa negra, reminescente dos filmes satíricos e anti-autoritários de Luis Buñuel. O filme começa com o enforcamento do criminoso, que acaba por não resultar uma vez que o nó não o mata. Em vez disso fica amnésico e é feita uma tentativa de recriação do crime pelos carrascos e pelas autoridades na expectativa de reavivar a sua memória e provar a sua culpa. Rapidamente começam a identificar-se com os seus papéis e a fronteira entre crime e recriação torna-se ténue. O filme acaba com uma condenação amarga do nacionalismo japonês, da pena capital e do preconceito institucional japonês contra os coreanos. <http://www.allmovie.com/work/death-by-hanging-140383>

---

## Dom 17 Maio · 21h30

---

*Eros mais Massacre*



**Eros mais Massacre**  
(Erosu Purasu Gyakusatsu)  
**De Yoshishige Yoshida**  
Japão, 1969, 2h47

**Realizador** Yoshishige Yoshida  
**Argumento** Masahiro Yamada, Yoshishige Yoshida **Música** Toshi Ichianagi **Director de Fotografia** Motokichi Hasegawa **Direcção Artística** Tsuyoshi Ishii **Com** Mariko Okada, Toshiyuki Hosokawa, Yûko Kusunoki, Kazuko Ineno

Um auto-proclamado anarquista é um dos muitos jovens apanhados no conflito moral entre liberdade individual e responsabilidade para com a sociedade e as suas necessidades. À medida que o Japão emerge de um sistema feudal que durou séculos, a rebeldia juvenil e a liberdade de pensamento são as maiores preocupações de muitos estudantes. Passado e presente concertam-se e o personagem principal é apunhalado pela sua amante começando a sentir-se perdido no clima político e social dos tempos. <http://movies.nytimes.com/movie/140875/Erosu-Purasu-Gyakusatsu/overview>

---

## Nagisa Oshima

---

Nasceu em 1932 em Kioto. O seu pai era descendente de samurais, pintor amador e poeta. Morreu quando Oshima tinha seis anos. Com a mãe e irmãos foi viver para casa dos avós maternos.

Em 1950 matriculou-se na tradicional Faculdade de Direito da Universidade de Quioto, onde se integrou num grupo de teatro como actor e encenador e participou nas lutas estudantis da época.

Acabado o curso, em 1954, foi um dos mais de 2000 candidatos, para cinco vagas de assistentes de realização na produtora Shochiku. Shochiku era um dos cinco grandes estúdios que dominavam a indústria cinematográfica japonesa da época. Os outros eram Nikkatsu, Toho, Toei e Shin-Toho, que em 1957 se agruparam na Associação Japonesa de Produtores de Filmes.

Oshima foi admitido. Cinco anos depois, em 1959, realizava o seu primeiro filme *Ai to kibo no machi* (O Bairro do Amor e da Esperança). Entretanto, fundara, com companheiros seus, as revistas *Sete Pessoas* e *Argumentos* em que jovens assistentes de realização publicavam os guiões de filmes que iam escrevendo. Ao mesmo tempo, criaram uma revista, *Crítica de Cinema*, de que Oshima era o editor principal, em que os jovens cineastas, ou aspirantes a cineastas, publicavam os seus trabalhos críticos e teóricos.

Os dois filmes que abrem este ciclo, *Taiyo no habaka* (O Enterro do Sol) e *Nihon no yoru tokiri* (Noite de Neveiro no Japão), ambos de 1960, foram produzidos pela Shochiku. O segundo destes filmes, em que critica a esquerda

tradicional e os movimentos estudantis, defendendo um novo radicalismo, foi, porém, retirado da circulação pela produtora, uma semana depois de ter estreado, no seguimento do assassinato de um líder político socialista. Oshima rompe com a Shochiku e forma a sua própria produtora independente, Sozoshu, para quem realizou os dois outros filmes apresentados neste ciclo: *Nihon shunka ko* (Sobre as Canções Brejeiras Japonesas) e *Koshikei* (O Enforcamento), a sua primeira obra a ser largamente difundida no Ocidente.

Nos anos 1970 realizou filmes produzidos fora do seu país que tiveram grande repercussão no mundo ocidental, como *O Império dos Sentidos* (1976), revelado e montado na Europa e nunca exibido na sua versão integral no Japão, ou *Império da Paixão* (1978). Em 1983, realizou mais uma produção estrangeira, *Feliz Natal, Mr. Lawrence*.

Ao longo da sua carreira, Oshima, um dos mais importantes cineastas da “Nova Vaga” do cinema japonês dos anos 1960, realizou numerosos documentários, participou em programas de televisão, desenvolveu intensa actividade crítica e teórica.

---

## Yoshishige Yoshida

---

Nasceu em 1933 em Fukui, cidade bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial. Estudou literatura francesa na Universidade de Tóquio, acabou o curso e ingressou, um ano depois de Oshima, nos estúdios Shochiku, também como assistente de realização. Tal como Oshima, ia escrevendo

---

guiões de filmes e críticas, publicados nas revistas *Sete Pessoas*, *Argumentos* e *Crítica de Cinema*. Se Oshima foi o primeiro dos jovens realizadores a quem a produtora deu oportunidade para realizar um filme, Yoshida foi o segundo. *Rokudenashi* (O Inútil, 1960) foi a sua primeira obra. *Akitsu Onsen* (As Termas de Akitsu), projectado neste ciclo, foi o seu quarto filme para a Shochiku, e teve bastante sucesso. Em 1964, depois da produtora ter retirado de circulação os últimos filmes que lhe produziu, Yoshida abandona o estúdio e formou a sua própria companhia independente, Gendai Eiga Shai (Sociedade do Cinema Contemporâneo) com a actriz Mariko Okada, uma das jovens estrelas femininas da Shochiku, com quem casa e que participa em vários dos seus filmes. Realizou, entre 1965 e 1973, seis obras que foram distribuídas pelos grandes estúdios japoneses, entre os quais *Erosu Purasu Gyakusatsu* (Eros mais Massacre), que também se pode ver neste ciclo.

Em 1973, partiu para o México, onde permaneceu cinco anos a preparar um novo guião, projecto que, todavia, nunca seria concretizado. Volta a filmar em 1986, realizando *Ningen No Yakusoku* (Promessa), apresentado no Festival de Cannes. Entre 1990 e 1995 viveu em França, onde se dedicou ao teatro, ao documentário e encenou *Madame Butterfly* para a Ópera de Lyon. Entre 1995 e 2004 realizou três filmes.

---

## Shohei Imamura

---

Nasceu em 1926 em Tóquio, numa família da classe média alta. O seu pai era médico. Dois dos seus irmãos foram mobilizados durante a 2ª Grande Guerra e um deles morreu. No imediato pós-guerra, num Japão devastado, Imamura vendia bebidas e tabaco no mercado negro e convivia com ladrões, vigaristas, prostitutas. O universo predominante nos seus filmes é constituído pelas classes mais pobres e marginalizadas da sociedade japonesa.

Na Universidade de Waseda estudou História Ocidental, mas sobretudo dedicou-se ao teatro, escrevendo peças e dirigindo-as e interpretando-as com colegas, alguns dos quais vieram a ser actores nos seus filmes, e desenvolvendo actividades políticas.

Acabada a licenciatura, entrou para a Shochiku em 1953 onde começou por ser assistente de Ozu. Mas os métodos do mestre e o cinema que fazia não eram do agrado de Imamura, que preferia trabalhar com um outro realizador, Yuzo Kawashima, pouco conhecido fora do Japão, cujas obras giravam em torno das classes mais baixas da pirâmide social japonesa.

Em 1954 foi trabalhar para a Nikkatsu. De 1958 são os seus três primeiros filmes, seguidos de mais três entre 1959 e 1962. *Nippon Konchuki* (A Mulher-Insecto), que recebeu o prémio de melhor actriz (Sachiko Hidari) no Festival de Berlim, e *Akai Satsui* (Intenção de Matar / Desejo Profano), ambos exibidos neste ciclo, foram os últimos filmes que realizou para a Nikkatsu e que firmaram o seu prestígio

---

como um realizador com uma personalidade única e uma das figuras de proa da “Nova Vaga” do cinema japonês.

Em 1965 forma a sua própria produtora, em parte suportada financeiramente pela Nikkatsu, realizando três filmes, o último dos quais, *O Desejo profundo dos Deuses* ou *Kurageijima: Contos de uma Ilha do Sul* (títulos por que é conhecido no Ocidente), foi um desastre financeiro. Durante a primeira parte dos anos 1970 Imamura dedicou-se ao documentário voltando à ficção em 1979, com o filme *A Minha Vingança*, que foi um sucesso comercial e de crítica.

Em 1983 ganhou a sua primeira Palma de Ouro em Cannes com *A Balada de Narayama*, baseado num romance de Shichiro Fukazawa, sobre uma aldeia em que os velhos são deixados no alto de uma montanha para aí morrerem. Voltou a ganhar a Palma de Ouro em 1997 com *A Enguia*. Foi o único realizador japonês a receber por duas vezes tal prémio.

O seu último trabalho como cineasta foi uma participação, com mais 11 realizadores de diferentes países, no filme colectivo *11'09'01 - 11 Perspectivas*, sobre os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001.

Imamura morreu em Maio de 2006 vítima de cancro. É o único cineasta representado neste ciclo que não já não está entre nós.

---

## Kôji Wakamatsu

---

Nasceu em 1936 em Wakuya. Trabalhou como operário na construção civil antes de entrar no estúdio Nikkatsu, em 1963, onde iniciou uma longa e prolifera carreira no cinema, como realizador e produtor. Entre 1963 e 1965 realizou 20 filmes para a produtora. Cedo se começou a interessar pelos *pinku eiga* ou *pink films*, filmes eróticos de baixo orçamento característicos do Japão. Os *pink films* não eram distribuídos fora do Japão. Mas Wakamatsu levou o seu filme *Kabe no naka no higemoto* (com os títulos em inglês de *Affairs Within the Walls* ou *Secrets Behind the Walls*) ao Festival de Berlim quando ainda estava a ser examinado pela Eirin (agência japonesa que classifica os filmes para menores e para adultos, impedindo a exibição pública se não são certificados). O filme teve uma recepção entusiástica no Festival, mas a produtora Nikkatsu recebeu retaliações do governo e difundiu-o discretamente no Japão.

Wakamatsu rompeu com o estúdio, formou a sua própria produtora e realizou filmes de muito baixo orçamento. O seu primeiro filme independente foi realizado em 1966. Em 1969, depois de ter filmado mais 11 produções, realiza *Yuke yuke nidome no shojo* (*Go, Go, Second Time Virgin*), que podemos ver neste ciclo, filmado no telhado da sua produtora, que já foi considerado um dos filmes “mais cruelmente belos do cinema japonês”.

Wakamatsu é muito mais do que um realizador de *pink films*, que vive à margem dos mercados. É um cineasta radical, político e extremamente

inovador. É também conhecido por ter dado oportunidade a muitos jovens realizadores de entrarem na indústria cinematográfica.

---

## Toshio Matsumoto

---

Nasceu em 1932 em Nagoya e formou-se na Universidade de Tóquio. Gostava de ter estudado pintura, mas por pressão dos pais, que achavam que como pintor não poderia ganhar a sua vida, matriculou-se em Medicina. Sem os pais saberem, mudou de curso, foi estudar Teoria de Arte e História e, como autodidacta, pintura. Durante os estudos tomou contacto com o movimento de vanguarda do cinema europeu dos anos 1920. Embora não pudesse ver esses filmes no Japão, foi aprendendo na leitura de livros e artigos estrangeiros. Ao mesmo tempo sempre que podia ia ao cinema, vendo centenas de filmes, japoneses e estrangeiros, que passavam nas salas. O Neo-realismo italiano, o experimentalismo da vanguarda e o documentário foram os seus pontos de partida. Desejando fazer o seus filmes, enquanto estudava na Faculdade arranjou um *part-time* numa pequena produtora e durante um ano tomou contacto com todas as fases de produção de um filme. Em 1955 realizou o seu primeiro filme. Um filme publicitário, de 10 minutos, com música concreta composta por Toru Takemitsu (na altura um desconhecido). Nas palavras de Matsumoto, “um filme relativamente *avant-garde*”, que foi muito apreciado por uma parte da comunidade artística. Continuou a fazer documentários, filmes experimen-

tais e filmes para a televisão, ao mesmo tempo que tinha uma actividade como crítico, na revista *Crítica de Cinema* para onde escrevia esta geração de cineastas da “Nova Vaga” dos 1960, e como teórico, reflectindo, por exemplo, sobre a tendência para contrapor os géneros documental e ficção ou sobre a tripla relação entre o artista, o mundo real e o cinema.

A sua primeira longa-metragem de ficção, *Bara no Soretsu* (O Funeral das Rosas), que se pode ver neste ciclo, é talvez a sua obra mais célebre. Segundo afirmou numa entrevista (cuja tradução inglesa se pode ler em <http://www.greylodge.org/gpc/?p=701>) o seu propósito criativo “era perturbar o esquema perceptivo de um mundo dual que divide factos e ficção, homens e mulheres, objectivo e subjectivo, mental e físico, sinceridade e simulação, tragédia e comédia”.

Matsumoto realizou só mais três longas-metragens de ficção, dedicando-se sobretudo a curtos filmes experimentais, instalações e obras que integram diversos media. Publicou vários livros de fotografia e de arte, numerosos ensaios, e ensina na Universidade de Arte e Design de Quioto.

---

## Seijun Suzuki

---

Seitaro Suzuki, de seu nome verdadeiro (só em 1958 passou a adoptar Seijun Suzuki), nasceu em Tóquio em 1923. Com 20 anos, ainda estudante, foi mobilizado pela marinha imperial japonesa, combatendo em Taiwan e nas Filipinas até 1946. De volta ao Japão, retomou

os seus estudos na Universidade de Hirosaki e foi recusado no exame de admissão à Universidade de Tóquio, onde pretendia estudar comércio. Voltou-se então para o cinema, e depois de breves estudos (seis meses) na academia de cinema de Kamakura, entrou como assistente de realização no estúdio Shochiku em 1948 onde trabalhou com vários realizadores. Em 1954 os estúdios Nikkatsu reabriram as suas portas, depois de ter cessado toda a produção de filmes em consequência da guerra e recrutaram Suzuki, pagando-lhe um ordenado substancialmente superior do que o que recebia na Shochiku. Em 1956 realizou o seu primeiro filme. Durante os doze anos que trabalhou para a Nikkatsu realizou perto de 40 filmes de série B, entre os quais os três que poderão ser vistos neste ciclo. Naquele tempo as salas de cinema japonesas projectavam dois filmes por sessão, o primeiro dos quais de série B. Eram filmes de baixo orçamento, com muito pouco tempo de preparação, rodagem e pós-produção, em que os realizadores tinham que obedecer a estritas condições impostas pela produtora. Os géneros mais comuns eram filmes de *gangsters*, sobre a Máfia japonesa, chamados *Yakusa*, e os *pink films*. A princípio Suzuki era considerado pelos seus patrões como um realizador rentável. Mas a pouco e pouco ia transmitindo aos seus filmes um estilo cada vez mais pessoal, progressivamente marcado “por um humor absurdo, uma realização surrealista e experimentações visuais desconcertantes” (in *Wikipédia*) que lhe valeram a admiração e o apoio de um público de cinéfilos e de realizadores como Oshima. *O Vagabundo de Tóquio*, projectado neste ciclo, é um

dos expoentes dessa sua fase. O filme que realizou a seguir, *Koroshi no rankin* (A Marca do Assassino, 1967) iniciou a ruptura com a Nikkatsu.

Os dirigentes do estúdio entenderam que o filme era incompreensível e despediram-no. Suzuki processou a produtora, teve apoio público de estudantes, cinéfilos e realizadores. Acabou por receber uma indemnização, mas ficou na lista negra dos estúdios, deixando de filmar durante dez anos. Para sobreviver, publicou livros de ensaios, dirigiu filmes para televisão, séries e filmes publicitários e participou como actor em vários filmes.

Recomeçou a realizar em 1977. Entre esse ano e 2005, realizou nove filmes. O seu reconhecimento internacional só ocorreu depois de uma retrospectiva, em 1988, no Festival de Edimburgo e de outra, em 1991, no Festival de Roterdão.

---

## Masahiro Shinoda

---

Nasceu em 1931, em Gifu, descendente de uma família de grandes proprietários com longa herança cultural e literária, mas que, após a Segunda Guerra Mundial, ficou em precária situação económica. Estudou na Universidade de Waseda com os melhores especialistas em teatro tradicional japonês. Em 1953, após o falecimento de sua mãe, foi obrigado a deixar os estudos e entrou nos estúdios Shochiku como assistente de realização. Fez o seu primeiro filme em 1960, um insucesso comercial. A sua segunda obra, do mesmo ano, *Kawaiata mizuumi* (Juventude em Fúria) foi já um sucesso.

*Shinju tem no Amijima* (Duplo Suicídio em Amijima), projectado neste ciclo,

foi o 15.º filme que realizou. Baseado numa peça de teatro de marionetas do século XVIII, com banda sonora de Toru Takemitsu, que também colaborou no argumento, é considerado como uma das suas obras-primas. Quando rompeu com os estúdios Shochiku, formou a sua própria produtora independente, Hyogen-sha, realizando uma grande variedade de películas.

Embora fazendo parte da “Nova Vaga” do cinema japonês dos anos 1960, tomou posições menos críticas em relação aos cineastas que os precederam, o seu cinema nunca rejeitou a estética dos filmes de Ozu ou de Mizoguchi de quem era, aliás, um admirador.

A sua filmografia conta com mais de 30 títulos – deixou de realizar em 2003 – e escreveu argumentos para muitos outros. Casou com a actriz Shima Iwasata que participou em muitos dos seus filmes. Em *Duplo Suicídio em Amijima* ela representa dois papéis, o da mulher e o da cortesã do personagem masculino principal.

# Paul Bley Solo



**Jazz Ter 19 Maio**

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h00 · M12

Paul Bley nasceu em Montreal, Canadá, em 1932. Muito novo estudou música clássica com vários professores. Aos 5 anos dava recitais de violino, aos 7 começou a estudar piano. Durante a juventude tocou na sua cidade natal em vários grupos de jazz, alguns dos quais dirigiu. Em 1950, com 18 anos, foi para Nova Iorque – passando desde então a viver nos Estados Unidos – estudar na Julliard School e começou a apresentar-se com músicos como Charlie Parker, Sonny Rollins, Ben Webster e outros. Durante a sua longa carreira Paul Bley terá sido, a seguir a Miles Davis, o músico de jazz que trabalhou com mais artistas de primeiro plano com opções musicais muito variadas. A sua discografia, com cerca de 100 títulos, é disso testemunho. Para além dos já citados, nomes como Charles Mingus, Lester Young, Chet Baker, Steve Swallow, Gary Peacock, John Scofield, Gary Burton, Pat Metheney, Paul Motion, Billy Hart, John Surman, Lee Konitz, Bill Evans, Cecil

Taylor, Ornette Coleman, Charlie Haden, fazem parte da extensa lista de *jazzmen* com quem tocou e gravou.

Bley esteve ligado à vanguarda do jazz dos anos de 1960, sendo um dos seus elementos mais activos. Foi igualmente precursor na utilização do sintetizador, tendo dado o primeiro concerto da história com esse instrumento em 1969 no Philharmonic Hall de Nova Iorque. Em meados da década de 1970, com a artista de vídeo Carol Goss, iniciou uma colaboração pioneira entre músicos de jazz e artistas de vídeo.

O seu primeiro disco de piano solo foi gravado em 1972 para a editora ECM.

Paul Bley apresenta-se, desde há muitos anos, em concertos por todo o mundo, a solo ou com formações muito diversas, tocando composições suas, *standards*, ou lançando-se em solos espontâneos, improvisados no momento.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

##### Direcção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Actividades Comerciais

Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

#### Direcção Técnica

Eugénio Sena

#### Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

#### Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---

Um especial agradecimento  
à Japan Foundation

